



FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA - 40 ANOS DE GLÓRIA PERENÊ

"A paz, a liberdade e a democracia, conquistadas com sacrifício por uma nação, só ficam asseguradas de modo permanente pela atuação vigilante de todas as gerações, empenhadas em honrar os valores, a tradição e o legado dos seus antepassados."

DIA DA VITÓRIA

Companheiros! Quarenta anos decorrem hoje desde que o triunfo aliado na Europa punha termo ao cruento e prolongado conflito mundial deflagrado em 1939. Raiou o Dia da Vitória em 8 de maio de 1945. Do cenário das ruínas e dos destroços da mais formidável máquina de guerra que aterrorizara a humanidade, emergia a esperança de uma paz duradoura, firmada nos ideais da liberdade.

Buscando as raízes maiores da luta, deparamos com a inquietante fase que a antecedeu. O silenciar das armas, ao término da Primeira Guerra Mundial, não representou a conciliação dos interesses nacionais em jogo. A instabilidade social e política e aos descaminhos da economia internacional, somou-se a ascensão ao poder, em alguns países, de governos submis-

sos a ideologias totalitárias. Arvoraram-se esses regimes em arautos de novos tempos em que a redenção do homem assentava-se na grandeza de uma raça ou na hegemonia social de uma classe. O turbado quadro revelava, também, as hesitações e os receios das nações livres diante da ousadia com que os totalitaristas desafiavam a ordem internacional.

Mobilizando crescente poderio bélico para a consecução de intuítos expansionistas, promoveram crises que levaram as nações européias a um clima de intimidações e confrontos. Em 1º de setembro de 1939 eclodiu a guerra, inicialmente atingindo a Polônia, que teve seu território partilhado entre comunistas e nazistas. A partir daí verificou-se cada vez mais crescente o número de países envolvidos no conflito.

A grave responsabilidade de sustentar a violenta ameaça aos valores

maiores da civilização foi assumida com desassombro, ao custo de inumeráveis vítimas e penosos sacrifícios.

O Brasil, desde o torpedeamento de nossos navios mercantes e de outras hostilidades, também viu como necessária a sua intervenção no conflito, ao lado das democracias. Brasileiros dos mais diversos rincões, acorrendo ao chamado da Pátria, defenderam a nossa Bandeira, servindo à Marinha, ao Exército e à Força Aérea.

Nossas Forças Navais, mesmo com meios inadequados e insuficientes para a magnitude das tarefas, patrulharam nosso litoral de norte a sul, escoltando mais de três mil navios mercantes e navegando cerca de seiscentas mil milhas. A perda de novecentas e cinquenta e nove preciosas vidas de companheiros das Marinhas de Guerra e Mercante bem testemunha a dureza das provas a que foram submetidos os nossos marinheiros. Em silêncio, entre o céu que nem sempre foi clemente e o mar que nem sempre foi bonancoso, eles souberam cumprir o dever.

A Força Expedicionária Brasileira, fiel às mais lídimas tradições de nosso passado, empreendeu árdua e triunfante Campanha na Itália, seus soldados ombreando com os mais valorosos do mundo. As suas vitórias em Camaiore, Monte Prato, Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Collecchio e Fornovo cobrem de honra e orgulho os estandartes das nossas unidades.

A emergente e recém-criada Força Aérea Brasileira, ao integrar

o nosso contingente, já demonstrava seu futuro grandioso, mercê da bem amalgamada fusão das Aviações Naval e do Exército. Esta primeira atuação em combate foi seu batismo de fogo. Os expressivos resultados obtidos traduziram a excelência das máquinas habilmente conduzidas. Eram "máquinas trabalhando como homens e homens atuando como máquinas", contribuindo para mais alto elevar nossa Bandeira.

Marinheiros, Soldados, Avia- dores!

A comemoração que hoje nos reúne representa a vívida homenagem de gratidão e reverência à histórica contribuição de nossa gente à causa da liberdade e da paz. Recordar tão memoráveis episódios convida-nos a meditar na grandeza do dever profissional e na responsabilidade do serviço a que fomos convocados.

A paz, a liberdade e a democracia, conquistadas com sacrifício por uma nação, só ficam asseguradas de modo permanente pela atuação vigilante de todas as gerações, empenhadas em honrar os valores, a tradição e o legado dos seus antepassados. Este é o mais notável e imorredouro ensinamento deixado pelos nossos combatentes, ao descansarem suas armas em 8 de maio de 1945.

Henrique Sabóia
Ministro da Marinha

Leônidas Pires Gonçalves
Ministro do Exército

Octávio Júlio Moreira Lima
Ministro da Aeronáutica

A FEB, SUA DIMENSÃO E GLÓRIA

Acabamos de assistir às significativas comemorações realizadas em quase todo o globo lembrando o 40º aniversário do término da 2ª Guerra Mundial.

Na América Latina somos o país que mais legítimos motivos teve para dar realce e brilho a estas comemorações, por duas razões principais: após cruenta luta armada que durou cerca de cinco anos, foi alcançada a paz com a vitória da causa das democracias; esta vitória militar contou com a participação — pequena na dimensão global, mas imensa na dimensão nacional — dos contingentes brasileiros integrados nas fileiras da Marinha de Guerra, Exército e Força Aérea.

Justamente nesta efeméride em que o Brasil se rejubila orgulhoso dos feitos de seus pracinhas surge a propaganda e o lançamento de um livro que, a pretexto de fazer pesquisa histórica, apresenta sob ângulo diminutivo a atuação da FEB na Itália.

O livro de William Waak, correspondente do Jornal do Brasil em Londres, "As Duas Faces da Glória", e que teve seu lançamento precedido de um artigo-propaganda escrito pelo autor, publicado na 1ª página do Caderno Especial do Jornal do Brasil de 5 de maio último, traz encimando a matéria o seguinte subtítulo chamativo: "Pela primeira vez, no Brasil, publicam-se trabalhos sobre a participação da FEB na 2ª Guerra Mun-

dial apoiados em fontes estrangeiras". Será que o autor não considera como autênticos e verdadeiros os livros do General Mark Clark, do General Willis Crittenger, do General Vernon Walters, do historiador Professor Frank McCann, dos cientistas políticos professores Ronald Schneider, Jordan Young e William Perry, além de outros, todos publicados no Brasil, em nossa língua? Será que o autor ignora a existência da obra mais consolidada nos Estados Unidos sobre o assunto, encomendada pelo "Center of Military History", da Coleção "US Army in World War Two", coordenada pelo historiador Ernest F. Fisher, sob o título "The Mediterranean Theater of Operations", 1977?

Perguntamos, e aí fica a nossa dúvida, por que o autor procurou somente fontes fragmentárias e testemunhos de ilustres anciãos com a lembrança distante dos acontecimentos.

A FEB é um fato histórico acabado, concreto. Sua *performance* não deve ser extraída de uma observação episódica ou de um acontecimento isolado. Seu conceito é inseparável, é como o homem que passou para a História. Sua imagem é a de suas realizações e de seus resultados; as enfermidades, fraquezas e insucessos da infância ou da puberdade se apagam diante do vulto de sua obra.

Na pesquisa histórica e suas conclusões é indispensável se ter a dimensão do objeto avaliado, para não se perder em juízos e comparações errôneas.

A dimensão da FEB, no quadro global das forças aliadas que participaram da 2.^a Guerra Mundial, é pequena. Senão, vejamos:

No último ano do conflito bélico, quando a FEB esteve presente no Teatro do Mediterrâneo, a composição das forças terrestres aliadas em operações na Europa era a seguinte. No Teatro do Mediterrâneo, onde operava o XV Grupo de Exércitos, sob o comando do inglês General Harold Alexander e depois Mark Clark, atuavam o equivalente a 23 divisões sendo 6 norte-americanas, 6 britânicas, 3 canadenses, 2 polonesas, 3 indianas, 1 sul africana, 1 neozelandesa. Representava a 1.^a Divisão de Infantaria da FEB, portanto 1/23 dos efetivos combatentes no *front* ou seja, pouco mais que 4% dos combatentes terrestres no Teatro do Mediterrâneo. No Teatro de Operações da Inglaterra e França, comandado pelo Supremo Comando da Força Expedicionária Aliada, General norte-americano Dwight Eisenhower, constituído pelas forças que invadiram a França pelo sul (desembarque nas proximidades de Toulon) e pelo norte (desembarque nas praias da Normandia), atuou como força combatente terrestre um conjunto de 87 divisões, sendo 60 norte-americanas, 12 inglesas, 6 canadenses, 6 francesas e 3 coloniais (marroquinas, senegalesas e argelinas). Portanto, nos dois grandes teatros europeus referidos, combateram 110 divisões. Nossa participação combatente foi, portanto, de 1/110 dos efetivos terrestres, ou

seja 0,9% (nove décimos por cento).

Tomamos como referência a divisão (de infantaria, motorizada ou blindada) unidade combatente, cujo efetivo medeia em cerca de 15.000 homens, por ser esta usualmente, em todos os exércitos, a referência-força dos efetivos combatentes terrestres. Além das divisões combatentes, as necessidades dos Teatros de Operações exigem uma grande organização administrativa e logística que ocupa um número de homens equivalente, em média, a 1/3 dos efetivos combatentes.

Como sabemos, a 2.^a Guerra Mundial, além dos Teatros de Operações europeus de que tratamos, teve os Teatros do Pacífico, onde o Comando-em-Chefe coube ao General Douglas MacArthur. Nossos dados referiram-se apenas às forças terrestres, mas sabemos que foi enorme a participação em pessoal e material das Marinhas e Forças Aéreas aliadas em todos os Teatros. Também nossa Marinha de Guerra e FAB tiveram, proporcionalmente, pequena mas honrosa presença.

Em termos de dimensão global, considerando-se apenas os Teatros europeus, a presença da FEB representou em efetivos combatentes menos de 1/100 do conjunto de forças. Assim sendo, peca pelo absurdo desejar-se que a imagem da FEB entre as Forças Aliadas e alemãs tenha uma importante expressão de presença.

A FEB, cuja força combatente foi a 1.^a Divisão de Infantaria com o efetivo de 16.000 homens (o restante de seu efetivo total na Itália,

de 25.000 homens, constituiu-se em unidades de recompletamento dos quadros combatentes e organizações administrativas e logísticas) terá de ser comparada, em termos de feitos, de resultados, à sua equivalente, uma divisão de infantaria norte-americana, britânica, francesa, polonesa, indiana, sul-africana. Não se pode querer comparar os feitos da FEB com os da Força Expedicionária norte-americana, britânica, ou mesmo da França Livre, que trouxe em seus efetivos além das seis divisões francesas três divisões coloniais (senegalesas, marroquinas e argelinas).

De divisão de infantaria para divisão de infantaria a nossa teve as mais destacadas atuações. Chegamos tarde ao cenário da guerra. Fomos inseridos num Teatro de Operações onde combatiam norte-americanos, ingleses, canadenses, poloneses livres, sul-africanos, indianos, neozelandeses, todos veteranos. Tivemos de vencer as dificuldades inerentes à experiência bélica, ao meio estranho e aos rigores de um inverno que o Brasil desconhece. A tudo superamos com galhardia. Eis a nossa glória.

O confronto bélico, no Teatro do Mediterrâneo, no período em que atuou a Divisão da FEB, foi entre 28 divisões (25 alemãs e 3 italianas) comandadas pelo famoso General alemão Albert Kesselring e 23 divisões aliadas. A discussão se as divisões alemãs eram pior equipadas que as divisões aliadas não é polêmica que possa interessar ao nosso pracinha que morreu e cumpriu o seu dever.

Este punhado insignificante de pracinhas, sem tradição guerreira, lançado em meio estranho, comandado pelo General Mascarenhas de Moraes, cujos méritos nunca foram suficientemente realçados, alcançou resultados extraordinários para uma divisão de infantaria combatente que carregava nos ombros a responsabilidade de, sozinha, representar o Exército Brasileiro.

Os feitos da FEB podem ser resumidos em fatos e números indiscutíveis. Assim os resumiremos:

“No período de 1 ano no Teatro de Operações do Mediterrâneo, a FEB, com um efetivo total de pouco mais de 25.000 homens e um efetivo combatente de 15.000 homens (uma divisão apenas entre as 110 aliadas que lutavam na mesma época na Europa), combateu continuamente sem ser retirada da frente por um só dia, durante 239 dias; teve 2.000 baixas de combate, dos quais 451 mortos; enfrentou sucessiva e alternadamente dez divisões alemãs e três divisões italianas; fez 20.500 prisioneiros em combate, entre os quais dois generais, um alemão e outro italiano.”

Este o feito, esta a glória inquestionável da FEB. Semelhantes foram a da nossa Marinha e FAB. Nenhuma observação episódica e fragmentária poderá diminuí-la.

*Carlos de Meira Mattos**

* O autor é Veterano da FEB.

Fonte: *O Estado de São Paulo*, 2-6-1985.

A HISTÓRIA DETURPADA

Quando o Brasil inteiro comemorava, no dia 8 de maio, o quadragésimo aniversário da vitória do mundo livre contra a tirania nazista, exaltando a gloriosa participação da FEB no Teatro de Operações da Itália, a única nota contrastante com o grande júbilo cívico do povo brasileiro foi a notícia, de página inteira, publicada por um dos nossos grandes e respeitáveis jornais, anunciando o lançamento de um livro do seu correspondente em Londres, escrito, ao que tudo indica, com o fim de ganhar notoriedade, por contradizer a verdadeira imagem da nossa Força Expedicionária, já internacionalmente consagrada.

O autor não pretendeu apenas fazer-se passar por historiador, à custa de uma longa reportagem tendenciosa, que coleciona pesquisas e depoimentos, como sempre os há, selecionados e interpretados ardilosamente, para o fim evidente de destruir tudo o que já disseram, nestes quarenta anos, os mais autênticos e insuspeitos depoimentos de autoridades militares, testemunhas diretas, nacionais e estrangeiras, a respeito do papel desempenhado pela FEB na Campanha da Itália.

O livro tem o propósito de opor-se à glorificação da FEB, como fonte do civismo nacional, construindo e inovando versões capazes de corroer as suas raízes, pela força da repetição e da publicidade financiada, para atingir, principalmente, a instituição mili-

tar, como se ela não fosse, principalmente naquele Teatro de Operações de ultramar, a representação mais fidedigna da alma do povo brasileiro, como a define a admirável letra da Canção do Expedicionário, escrita por Guilherme de Almeida, como Príncipe dos Poetas Brasileiros.

O jovem jornalista William Waack pretende criar, sob o título de "As Duas Faces da Glória", uma anti-história da FEB, com a sua interpretação pessoal, sem sequer ouvir os nossos próprios ex-combatentes ainda vivos, preferindo recorrer a outras fontes, menos idôneas, longe do Brasil, a ponto de declarar sobre a tropa brasileira, espezinhando o caráter dos nossos pracinhas e a dignidade militar dos seus chefes: "Os americanos dedicaram-se a analisá-la em todos os seus detalhes. Das botas até o capacete, passando pela roupa branca. . ." E afirma, destruindo o noticiário e as fotografias com que o desmentem a imprensa e toda a nossa geração daquele tempo, que o povo brasileiro não desejava participar da guerra.

O autor pretende fazer História, à sua moda, como declara: "Este trabalho é dirigido, em primeiro lugar, à minha geração, que é chamada a participar dos destinos de seu País e desconhece a própria História. Minha pretensão é pintar um quadro do que ocorreu em 1944, para entender também o que veio em 1964, e ambos os fatos são fundamentais para a compreensão do Brasil de 1985." Ele omite que a FEB, em 1945,

trouxe para o Brasil a vitória da democracia e o fim do Estado Novo, com a Constituinte e a eleição direta do novo Presidente.

Trata-se de uma publicação tendenciosa, para denegrir a glória da FEB e do que ela representou para o Brasil, no quadro estratégico e político da época, faltando ao autor, além da autoridade própria,

os conhecimentos indispensáveis para abalar-se a subverter o julgamento da História. É um tipo de literatura marginal e sensacionalista, que dispõe de financiadores. Mas, nunca, um livro de História.

A. de Lyra Tavares

Fonte: *Jornal do Commercio*, 18-5-85.

A NOVA GUERRA DA FEB

Entrevista do General Rubens Resstel a Marcos Faerman (O Estado de São Paulo, 25-5-1985)

Tantos livros já foram publicados no Brasil a respeito de tantos espões alemães no Brasil que é difícil imaginar que os alemães nem sequer sabiam que estavam lutando contra brasileiros na Itália. No entanto, é isto que se lê no livro de William Waack!

R — Os alemães sabiam que havia brasileiros lutando, mas acontece que há um fator que o autor não considerou: o orgulho germânico. Os soldados alemães jamais iriam admitir que perderam uma batalha sequer para a primeira tropa sul-americana que lutou na Europa, de "conteúdo racial inferior". Quem conhece os alemães sabe que é assim. Esse moço (o General está se referindo ao jornalista Waack) devia saber. Porque ele é neto de um distinto oficial

que serviu muito bem ao Exército alemão) e depois veio para o Brasil e constituiu família aqui. Negar a evidência de que lutaram contra brasileiros na Itália é uma reação normal do alemão. Afinal, todos os alemães foram colocados de joelhos depois da guerra. Toda a nação alemã, justa ou injustamente, passou a pagar pelas atrocidades cometidas pelo grupo nazista. Mas é verdade — e não podemos negar isso, com todo o respeito que podemos ter pelos alemães que lutaram pela pátria e não eram nazistas — que o Exército alemão apoiou um governo nazista e fez uma guerra conduzida por um governo do Partido Nazista, e esses nazistas cometeram atrocidades. É verdade, também, e temos de aceitar isso porque senão nós estaríamos ouvindo um intrincado de mentiras, que a maior parte dos alemães e dos soldados alemães não sabia o que eles estavam fazendo com outros povos, particularmente com os judeus. Atrocidades que comprometeram não apenas uma nação, mas toda a Humanidade.

Cometeram atrocidades de que se ouve falar só na Antigüidade, quando os povos eram semibárbaros. Os alemães foram colocados de joelhos, e eles têm um imenso complexo disso! Não só por terem perdido a guerra, por se verem acusados pelo mundo inteiro. Então, quando se vai falar sobre luta com brasileiros, eles não querem nem saber disso. Aliás, o autor diz aí, em alguns trechos, que os alemães não querem nem falar na guerra. Não querem — e as novas gerações não querem saber disso! Há um trecho aí em que ele se refere aos veteranos que contam histórias da guerra e os jovens não querem nem ouvir. Não sei se o senhor viu aí essa parte.

P — Sim, eu li. E então...

R — Ora, eles tinham até propaganda em português. E não sabiam que lutavam contra brasileiros? Na guerra psicológica deles, tinham emissoras de rádio que irradiavam para nós em português.

Pelos nomes que eram familiares eles citavam, dizendo que eram brasileiros de origem alemã e diziam entender que a grande pátria de todos os alemães do mundo era a Alemanha. Eles falavam no nome do Sargento João Guilherme Shultz, um gaúcho que foi condecorado por ato de bravura... Falaram no Max Wolf, que foi um dos grandes heróis da FEB.

P — Joel Silveira escreveu uma reportagem emocionante contando a morte de Wolf, um Sargento do Paraná.

R — Eles tinham uma espionagem muito ativa. Sim, falavam em muitos nomes, como o do Coronel Nelson de Mello, que eles sabiam que comandava o Sub-Sector Norte, onde eu atuava como observador de artilharia. Ou então procuravam ridicularizar o General Zenóbio.

P — William Waack cita fontes americanas segundo as quais nossos oficiais na FEB não eram muito eficientes.

R — O Brasil naquela época era o grande desconhecido, dos Estados Unidos e da Europa. Conheciam quando olhavam para o mapa e viam um grande país da América do Sul. Naquela época, repito, o americano tinha uma idéia do Brasil semelhante àquela que fazem dos povos da América Central. E tivemos muita encrenca por causa disso. Quem viveu no Nordeste, naquele tempo, cita as brigas que havia com os americanos lá nas bases que foram cedidas a eles — e mais o estacionamento de tropas americanas no caminho para o Norte da África, ou o pessoal da Marinha com o pessoal civil de lá. O pessoal do Nordeste, que briga mesmo por qualquer coisa, brigou demais com os americanos porque eles nos julgavam como povos atrasados da África e da Ásia, não só atrasados como submissos e sem personalidade. Aí se gerou o choque. Quando chegamos à Itália, muitos americanos que estavam lá nos julgavam dessa maneira. Aqueles chamados instrutores americanos — muito citados neste livro — pensavam que iam nos co-

mandar. Julgavam que não tínhamos nenhum nível técnico-militar. Não tínhamos experiência de combate, é verdade. Não conhecíamos o novo armamento. Mas a transposição foi muito fácil, principalmente nas chamadas armas técnicas, como a artilharia, porque nós fomos instruídos no material alemão — era esse material que servia ao Exército, no Brasil. Mas quem sabe lidar com o canhão alemão aprende a lidar, facilmente, com o canhão inglês ou americano. E eles se admiraram como nós conhecíamos bem, muito bem, nossas armas.

P — Mas, segundo Waack, ou segundo as fontes de Waack, os americanos detestavam até o jeito dos brasileiros dirigirem os caminhões, na Itália!

R — É, tinha até um código de tráfego baixado pelo V Exército. Mas a única tropa disciplinada era a tropa inglesa. E, olha os ingleses detestavam os americanos e os americanos detestavam os ingleses. Foi uma surpresa para nós que eles não se tolerassem. Os ingleses não saíam das regras. É por isso que eles perdem muitas batalhas, mas, no fim, vencem a guerra. Porque eles são disciplinados e têm um senso de dever muito acentuado. O americano é muito convencional e julga a todos por seus padrões. Quem não está nos padrões é desprezível! Isso criou um choque de interpretação de americanos e alemães com referência aos brasileiros. O brasileiro não é convencional como o eram os americanos.

P — Um choque cultural?

R — Talvez. O soldado brasileiro não é igual ao alemão nem ao americano. Ele é diferente, mas é muito bom no combate e tem uma extraordinária capacidade de adaptação. Os alemães achavam que o inverno se incumbiria de acabar conosco. Não aconteceu. Nós suportamos o inverno tão bem como qualquer outra tropa de outra nação que vinha de regiões mais frias. E outra coisa que os alemães passaram a admirar é que poucas vezes eles viram soldados capazes de se furtar ao fogo inimigo como os brasileiros. Eu não sei porque esse livro não conta isso. Se fosse um livro absolutamente isento, contaria.

P — O Brasileiro enfrentava o combate, mesmo, General?

R — Enfrentava, sabia aproveitar o terreno, quando os alemães já não os viam mais, eles estavam em cima! Já o americano não era assim. O americano seguia determinados padrões. Outra coisa: nem americanos nem alemães (as duas fontes do autor) estavam acostumados a ver uma tropa de origem multirracial. Havia divisões de negros que eram só de negros, havia divisões de brancos. Com os americanos, era assim. Há um trecho do livro em que ele cita um americano achando que não deu resultado um batalhão nipo-americano. Pois bem, ele se esquece que este foi o regimento mais condecorado dos Estados Unidos. Nós encontramos esses japoneses. Todos lutavam muito bem porque tinham um sentimen-

to de afirmação. Queriam provar que eram bons americanos.

P — Havia também esse sentimento emulativo por parte dos brasileiros?

R — No início, não havia tanto. E aí o autor diz, com muita propriedade, que aqueles soldados não conheciam o alcance e a finalidade da presença deles lá. Mas o brasileiro é muito solidário: uma característica do nosso soldado é a solidariedade. Nós não temos, como o Exército argentino, uma separação muito forte entre o oficial e o sargento, o sargento e o soldado. Não. Lá todos participavam de todos os riscos, de todos os perigos e de todo o sofrimento da campanha.

Havia restrições no Brasil à ida de uma tropa para além-mar, para combater. Havia muitos oficiais ilustres daquela época, que sempre cuidaram bem de suas carreiras, que achavam que a tropa ia fracassar, que nós íamos ficar como guardas de prisioneiros e de depósitos na retaguarda porque não estávamos aptos a enfrentar um combate, ombro a ombro com o Exército inglês e com o Exército americano, na Itália; havia dois Exércitos na Itália: o VIII Exército Britânico, que se notabilizou no Norte da África, lutando contra as tropas alemãs e italianas, e havia o V Exército americano, ao qual nós fomos incorporados, constituído por tropas americanas. Pois bem. Muitos, aqui no Brasil, não quiseram integrar a FEB e acharam que não se devia mandar a FEB para a Itália por-

que nós íamos fracassar. E nós não fracassamos; nós nos saímos bem, com especial destaque após a fase de adaptação. Aí, na dura realidade da guerra (outono de 1944 em diante), o combatente brasileiro passou a se enrijecer, a compreender o inimigo e a saber como combatê-lo. Tanto é que, quando começou a primavera, em que nós atacamos Monte Castelo, nós já tínhamos readquirido aquela confiança em nós mesmos. Foi aquele período em que a frente estava estabilizada, em que havia confrontos de patrulha, contra-ataques e golpes-de-mão aqui e ali e em que surgiram os grandes patrulheiros. A patrulha fascina, é o gosto do homem pelo risco, pelo perigo, pelo inesperado.

P — Num certo momento é dito no livro de Waack que a patrulha não era uma coisa emocionante, como se vê nos filmes de segunda categoria da televisão.

R — A patrulha emociona: emocionava os alemães, os brasileiros, os ingleses, os americanos. É quase uma competição.

P — Uma espécie de caçada?

R — É uma guerra em pequena escala. A melhor guerra para o homem é essa.

P — Aqui, no caso, é um homem caçando o outro.

R — É um homem caçando o outro, exatamente isso.

P — E se expando muito.

R — Expondo-se, principalmente quando o inimigo domina as alturas. Então, quando ele tem vá-

rios pontos fortes que se apóiam mutuamente, a gente se infiltra no meio deles. É o gosto pelo perigo. E é então que aparece aquilo que o Duque de Caxias definiu: "Surge na guerra uma hierarquia paralela, que é a hierarquia da bravura."

Mas então nós chegamos lá na Itália e os americanos não nos conheciam. Realmente, aqueles oficiais americanos de melhor nível perceberam que estavam com uma tropa tecnicamente bem preparada, mas que ia ser empregada em combate numa região montanhosa, sem nunca ter feito um exercício sequer em montanhas, em guerra de montanha. Nós nunca tivemos e nem tínhamos tradição de guerra de montanha.

Mesmo assim, nossos homens combateram — com espírito de luta e de solidariedade, como se vê em tantos episódios. Como aquele do ordenança do Capitão João Tarcício Bueno. O Capitão João Tarcício Bueno, num dos ataques fracassados ao Monte Castelo, ele, à frente da Companhia, dando o exemplo, expondo-se, levou um tiro no peito e caiu junto a posições alemãs. Durante quase toda a noite, patrulhas foram mandadas, inclusive patrulhas comandadas pelo Sargento Max Wolf, para resgatar o corpo do capitão que se supunha morto. O ordenança do capitão seguiu em todas as patrulhas, mas não se conseguiu chegar. Com o fogo cruzado das metralhadoras alemãs era impossível chegar lá. Mas, descumprindo as ordens (por isso que eu digo — o brasileiro não é convencional nem muito

formal, por isso é que obteve sucesso na guerra), disse: "Não vou deixar o meu capitão lá". E se infiltrou pela noite adentro sozinho, a despeito das ordens em contrário; achou o capitão, trouxe o capitão nas costas até as nossas linhas. O capitão morreu pouco depois da guerra porque ele foi gravemente ferido, o peito varado por uma bala. Mas são exemplos de solidariedade, não só do soldado para o oficial ou para o sargento, como também no sentido inverso.

P — Mas, quanto aos combatentes da FEB, o livro da Waack coloca em dúvida os ataques a Monte Castelo.

R — O autor não interpreta bem esta questão. Os primeiros ataques foram conduzidos, primeiro, sob um comando americano; os seguintes, sob comando brasileiro, mas dentro de planejamento americano, em que havia um erro fundamental, ressaltado pelos brasileiros, mas que o comando americano não quis aceitar, que era a incompatibilidade dos efetivos no ataque em relação aos objetivos; quer dizer, a força atacante não estava de acordo com a importância do objetivo. Era uma avaliação de Estado-Maior. Se se vai atacar para conquistar um determinado objetivo, tem que haver uma dosagem de força e tem que haver uma manobra. Pois bem, todos esses ataques foram ataques frontais. O nosso Estado-Maior e o Castello Branco, como Oficial de Operações, alertaram: "É incompatível a manobra e é incompatível a composição de forças." Mas mesmo assim se tentou.

O autor faz uma análise falha. Eu não sei se ele é capacitado a fazer uma análise topotática, isto é, conhecer o aspecto do terreno, a configuração do terreno e a manobra tática. Ele procura menosprezar a importância de Monte Castelo.

P — Exatamente. Eu estava com esta observação aqui assinalada, em que ele diz que "Monte Castelo nunca existiu para os alemães".

R — Monte Castelo era citado por um número de código. E quem sabe se era citado por um número de código justamente porque era importante? Basta fazer uma análise topotática do terreno para se depreender a importância de Monte Castelo. E tanto era importante que os americanos vinham tentando conquistá-lo e não conseguiram. Tentaram conosco e não conseguiram também. Nossa tropa já se tinha revelado com uma boa capacidade de adaptação nas primeiras ações do Vale do Rio Sercchio. Mas os americanos não tinham muito boa concepção de manobra. Hoje, como Oficial do Estado-Maior, eu posso perceber isso. Eles queriam agir mais pela massa. Ora, ali há que se considerar o terreno: terreno montanhoso facilita a defesa. Quando se tem um objetivo num terreno montanhoso é preciso saber montar muito bem a manobra e saber quais os objetivos que devam ser fixados; fixado é aquele que a gente tem que segurar aqui para atacar lá. Sem isso não se consegue. E os alemães sabiam muito bem disso. Quando a manobra foi

bem planejada, então pelo Estado-Maior da FEB, tivemos êxito e conquistamos o Monte Castelo, o que permitiu a conquista de La Torracia pela 10ª Divisão de Montanha norte-americana no dia seguinte. Por outro lado, há também um equívoco, dizendo que nas forças em presença, entre aliadas e forças alemãs, havia um desequilíbrio muito grande. Isso também não é exato. Os alemães tinham 28 divisões na Itália, sendo duas italianas e 26 alemãs, enquanto os aliados tinham 20 divisões. Porque tropas da Itália foram retiradas para a invasão da França. E muito material também da Itália foi retirado de lá. Tanto é que houve período em que nós tivemos racionamento de munição — nós também. Agora, dizer que os alemães eram tropas muito jovens, inexperientes, ou gente de mais idade também não é exato, porque pelos prisioneiros que eu vi lá não era nada disso. Dizer que aquela "232" era uma divisão de estacionamento, absolutamente; nem os alemães iam cometer a leviandade de mandar uma divisão de estacionamento.

P — O que quer dizer em linguagem militar "divisões de estacionamento"?

R — Eram divisões estáticas para defender as costas da chamada "Muralha do Atlântico". As tropas alemãs, inclusive remanescentes do Afrika Korps, do Rommel, estavam lá na Itália e eram muito bons combatentes. Dizer que eles já consideravam a guerra perdida também não procede, porque eles

lutavam muito, uma vez que o comando aliado exigia a rendição incondicional. Quando se exige do inimigo a rendição incondicional ele luta até a morte. Por outro lado, eles sabiam que estavam empenhados numa guerra de vida ou de morte. Eram soldados que tinham experiência. O equipamento alemão era superior ao equipamento americano. Para os alemães era importante o domínio do Norte da Itália, que é uma das áreas mais ricas da Europa — já naquela época com muitas indústrias. E mais: ali se jogava a defesa do flanco Sul do chamado reduto nacional, a que o autor não se refere. Não sei se o senhor sabe que os alemães tinham um plano: quando presos pelas tenazes vindas da frente oriental e da frente ocidental, pretendiam retirar-se para as montanhas da Bavária. Então, toda aquela região montanhosa ali seria o famoso reduto nacional, onde eles iam prosseguir com a guerra. Era um plano que eles tinham. Hitler não permitia que eles perdessem o Norte da Itália.

Então, os alemães não estavam dispostos a se render, como não se rendiam, como combateram muito bem; e eles estavam bem armados, com equipamento de qualidade superior. É claro que, depois que eles perderam a guerra e se vai entrevistá-los, eles vão ter que dizer que não tinham munição, que não tinham comida, que não tinham nada. É evidente: eles têm que justificar a derrota. E eles jamais admitiam ser derrotados por uma tropa de uma nação que eles consideravam inferior.

Enfim: levantar esses fatos aí, com este enfoque, como faz o autor deste livro, é uma agressão. Não é uma agressão ao Exército nem aos quadros do Exército. Mas uma agressão à nação brasileira. A FEB foi um momento de afirmação do Brasil. Afirmação de nossa raça, em processo de formação, no drama da guerra. A nação brasileira só pode orgulhar-se disto.

O General Rubens Resstel lutou na Itália, foi um dos 25 mil homens que participaram da campanha da FEB, de suas lutas contra os nazistas nas montanhas daquele país.

VERDADE HISTÓRICA

Como filha do então Coronel Aguinaldo Caiado de Castro, que comandou o Regimento Sampaio na paz e na guerra, venho fazer algumas considerações a respeito da reportagem sobre a FEB no Suplemento Especial do JORNAL DO BRASIL de 5/5/1985.

Tal como Joaquim Xavier da Silveira (que foi pracinha voluntário do Regimento Sampaio), que enviou excelente carta a esse jornal, também acredito que os elogios de ilustres chefes militares aliados demonstram efetivamente o valor da participação da FEB na guerra.

Tenho, no arquivo particular de meu pai, vários documentos que confirmam o valor de nossos soldados e a importância, por exemplo, da Batalha de Monte Castelo.

O General Dwight D. Eisenhower, mais tarde Presidente dos Estados Unidos, quando de sua

vinda ao Brasil em 1946, após uma visita ao Regimento Sampaio, escreveu uma carta a meu pai (8/8/46) referindo-se elogiosamente ao Regimento Sampaio "que lutou tão corajosamente na Itália". Em outra carta, o Coronel Buchalet, do Exército francês, refere-se ao "glorioso Regimento Sampaio".

O General Mark Clark (que foi Comandante do V Exército, a que se incorporou a FEB), em criação cuja cópia envio a esse jornal, diz: "Em Monte Castelo. . . Ali, o inimigo estava entrincheirado numa posição fortificada que fez falhar alguns ataques anteriores." E em outro trecho: "Assaltar este objetivo difícil sob as condições precárias resultantes do terreno montanhoso." Mais adiante diz: "O 1º Regimento de Infantaria Brasileiro, sob o comando do Coronel Caiado, continuou a contribuir notavelmente para o êxito do XV Grupo de Exército, na Itália, até ser o inimigo finalmente vencido."

O General Willis D. Crittenger (que foi Comandante do IV Corpo de Exército), em 17/3/1947, ou seja, 2 anos após a tomada de Monte Castelo, enviou do Headquarters Caribbean Defense Command, onde se encontrava, uma carta cumprimentando o meu pai pela promoção a general, na qual diz: "Sem dúvida, há muitos outros aos quais sua promoção trouxe grata satisfação. Eu me refiro aos membros da Força Expedicionária Brasileira em geral e em particular aos homens e oficiais do 1º Regimento de Infantaria, que fizeram História (*Who Made History*) em Monte Castelo."

Creio que nada mais preciso acrescentar. Saliento apenas que escrevi esta carta pelo respeito que me inspiram os brasileiros que saíram de sua pátria na defesa de um ideal e que tanto sofreram na guerra (e alguns sofrem até hoje suas conseqüências), e pelo dever que sinto de contribuir ainda que modestamente para elucidação dos fatos, na busca da verdade histórica.

Magaly Caiado de Castro
Aquino Coelho — Rio de Janeiro

A FEB NA GUERRA

Foi com certa perplexidade que tomei conhecimento da reportagem publicada no Suplemento Especial do JORNAL DO BRASIL, de 5/5, assinada pelo correspondente desse jornal, William Waack, sobre a participação da FEB na 2ª Guerra Mundial. A minha perplexidade advém do fato de que em contato pessoal, mantido com o ilustre presidente desse jornal, Dr. Nascimento Brito, fui informado na época, com prazer, de que o JORNAL DO BRASIL estava fazendo um serviço de pesquisa sobre a FEB. A leitura do Suplemento especial me trouxe decepção. Com relação aos conceitos do Sr. William Waack sobre o comportamento da FEB, reservo-me o direito de aguardar a publicação do livro. Mas posso adiantar que a FEB cumpriu na Itália todas as missões que lhe foram atribuídas; repito: todas as missões, recebeu elogios dos comandantes aliados, entre eles os Generais americanos Crittenger e Mark Clark, e do Marechal inglês Sir H. Ale-

xander, o que por si só contraria as conclusões da pesquisa do Sr. Waack, porque esses ilustres Chefes Militares não iriam fazer elogios graciosos. A reportagem do mesmo suplemento assinada pelo correspondente Araújo Neto é simpática, mas trata somente de impressões pessoais de alguns italianos de Porreta, que narram suas boas recordações do "pracinha" brasileiro.

O que nós, ex-combatentes, esperávamos desse jornal era um trabalho que enfocasse a FEB por outro ângulo, informando as gerações que nasceram após a guerra a importância histórica e militar da FEB, o esforço que a nação fez para enviar uma divisão combaten-

te ao Teatro de Operações da Europa, o único país sul-americano que atravessou o Equador para lutar pela liberdade. Foi no mínimo decepcionante o material publicado no Suplemento Especial do *Jornal do Brasil*, justamente na semana em que é comemorado o 40º ano da Campanha da FEB.

Tenho certeza de que o Exército e os oficiais ainda vivos terão argumentos e provas para contestar o livro do Sr. Waack, que ainda não veio a público, mas que promete ser desnecessariamente polêmico, e certamente com uma duvidosa contribuição histórica.

Joaquim Xavier da Silveira
Rio de Janeiro

UM CASO DE DESINFORMAÇÃO QUANTO À HISTÓRIA DA FEB¹

Na sessão do dia 15 de maio, fiz alguns comentários sobre o que disse William Waack, correspondente do *Jornal do Brasil* em Londres, referindo-se ao que apurou em arquivos externos sobre a FEB. Nesse artigo o autor focaliza principalmente a parte política da guerra mundial de 1939 a 1945, no que diz respeito ao pensamento da Inglaterra relativamente a:

- 1) participação do Brasil no conflito, em particular na Itália;
- 2) papel da FEB no que respeita à redemocratização do Brasil em 1945-1946.

Conforme então procurei tornar evidente, o assunto era perfeitamente compatível com a temática que preconizo para o nosso Instituto — a da História do Brasil a *nível nacional* — pois, sem nenhuma dúvida, o articulista, embora tratando de um tema já bastante explorado entre nós, situa-se nesse nível, segundo o ponto de vista da História Política.

Tirei então algumas conclusões, em especial quanto à necessidade mais do que urgente de termos aqui todos os documentos de arquivos estrangeiros tratando da FEB. Assim se evitariam assertivas do tipo daquela célebre anedota da "invenção da telegrafia sem fio". Isto é, se o emprego da FEB não está na memória dos vetera-

nos alemães da Itália, é porque ele pouco ou nada representou. Evidentemente nesse esforço deve também estar incluído o da história oral e do levantamento bibliográfico e hemerográfico, conforme se verá mais adiante.

Hoje, os seus comentários se dirigem mais à apreciação de Félix de Athayde, no mesmo local e data do livro que aquele correspondente elaborou, intitulado *As Duas Fases da Glória* e editado pela Nova Fronteira.

Uma vez que no caso está implícita a questão do caráter nacional brasileiro dentro da atuação da FEB, ainda é cabível que vá me estender um pouco mais sobre o assunto.

Enquadra-se ali a impressão que os americanos tiveram dos combatentes brasileiros como seres humanos, análoga, em linhas gerais, à de Euclides em *Os Sertões*, no que toca ao sertanejo. Mas, o que não transparece no que foi levantado pelo correspondente é o que, de um modo geral, pensavam os febianos dos americanos. Por motivos que é preciso bem apurar, predominou, pelo menos durante algum tempo e da parte de muitos febianos, uma atitude de esnobismo fanfarrão quanto aos militares americanos como profissionais e combatentes. Esse esnobismo já foi vergastado pelo Marechal Castello Branco em conferência na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica² sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Outro ponto muito importante quanto à presença brasileira nas

operações em solo italiano merece abordagem aqui, porquanto é inteiramente errônea a base em que se funda o correspondente ou o comentarista, ou os dois, ao escreverem que:

“A julgar pela narrativa americana, a FEB não participou de qualquer maneira de ações decisivas em termos estratégicos.” (O grifo é nosso.)

Nem era para que tal ocorresse e explicou porquê.

Em primeiro lugar, recordando que a FEB de fato teve um desempenho político-estratégico quanto à redemocratização do Brasil. Assim, em História Política ou na política nacional de 1944-1945, e até muito tempo depois, é válido o adjetivo *estratégico*.

Mas este jamais poderia ou pode ser empregado no que respeita à divisão de infantaria ou força combatente da FEB na Itália até 21 de fevereiro. Simplesmente porque uma divisão de infantaria comum situa-se num plano muito abaixo do estratégico, o plano *tático*.

Para que bem se compreenda isto e, conseqüentemente, a enorme falha destacada, devemos recordar alguns conceitos fundamentais da Arte Militar.

Nas guerras até quase Napoleão, o comandante de uma força combatente do nível Exército de Campanha podia evidenciar a arte do clássico *estratego*, dadas as dimensões do campo de batalha. Mas, a partir do fim da Idade Moderna para a Contemporânea, o espaço da batalha passou a ser aquele que hoje se denomina *teatro de operações*. Assim, Napoleão e seus

adversários atuaram nos teatros de operações do Danúbio, do Piemonte e da Espanha, dentre outros, nos quais se jogava o destino de uma grande região ou até mesmo de um país. Ainda se podia falar numa *estratégia militar terrestre*, de cuja existência hoje só se deve falar com muita cautela, dentro dos limites bem conhecidos quanto a forças empenhadas, terreno e tempo. É o caso, por exemplo, das ações desenvolvidas na Região Nordeste pelas forças ibero-brasileiras contra os holandeses ali instalados. Tornando a lembrança mais específica, exemplifico com o caso de D. Luís de Rojas y Borja, que tinha um pensamento *estratégico* quando tomou a ofensiva na direção geral de Porto Calvo, provocando o recuo da força holandesa do Coronel Artischau, apesar de haverem os holandeses vencido a batalha de Mata Redonda, nas imediações daquela localidade, onde D. Luís perdeu a vida. Aí temos, a despeito do pequeno número de combatentes empenhados, quando comparados com os de hoje, nítido efeito *estratégico* da ofensiva de D. Luís.

Durante a Segunda Guerra Mundial o mundo ficou militarmente dividido em teatros de guerra e teatros de operações. Um destes era o do Mediterrâneo, comandado em 1944 por um oficial-general inglês e enquadrando forças navais, terrestres e aéreas. Nesse amplo quadro, quando muito a força terrestre podia ter um emprego *estratégico*, se Exército de Campanha, como o VIII Exército inglês e o V Exército norte-americano.

Um Exército de Campanha abrange normalmente algumas divisões (de infantaria, blindadas, por exemplo) tal o caso do V Exército na Itália.

Quando necessário, o Exército se organiza em Corpos de Exército, cada um com duas ou mais divisões. Na Itália o V Exército tinha os II e IV Corpos, este comandado pelo General Willis D. Crittenger, diga-se de passagem um dos poucos estrangeiros a comandar tropa brasileira. Isto porque a 1.^a Divisão de Infantaria Expedicionária — a força combatente da FEB — integrava o IV Corpo juntamente com algumas divisões norte-americanas. Portanto, nem o IV Corpo, nem a nossa divisão poderiam, a rigor, fazer *estratégia*, ainda que terrestre.

Em que plano, pois, se situava a nossa 1.^a D.I.E.? Exclusivamente no *plano tático*, ou muito inferior ao *estratégico*, seja para ela, seja para o próprio IV Corpo americano.

É nesse *plano tático* que tal atuação deve ser apreciada e aí nosso desempenho em 1945 foi notável, especialmente em Monte Castello, Montese e no bloqueio das forças do Eixo que abandonavam os Apeninos na direção geral Norte.

Quem vai abonar isso é justamente um alemão, testemunha dos feitos militares na Itália, o Major Rudolph Böhmeler em seu livro *Monte Cassino*.³ Ao analisar as operações finais naquele país, sintetiza a atuação da nossa 1.^a D.I.E. no mês de abril, quando

avançava na direção geral de Alesandria:

"Esse avanço arrojado, colhendo o comando alemão inteiramente de surpresa, contribuiu para o rápido aniquilamento das forças ítalo-alemãs na Ligúria e, efetivamente, para a rendição incondicional do Grupo de Exército C alemão."

Segundo, pois, esse autor alemão, a ação tática da divisão brasileira contribuiu para uma ação estratégica, devida esta, em conjunto, aos dois exércitos aliados que ali atuavam. A conclusão imediata é a de que houve uma quantidade enorme de desinformação, seja a daquele comando alemão na Itália, seja da parte do correspondente do *Jornal do Brasil*.

O caso desse jornalista e do seu comentarista tem analogia com outro, da Guerra da Cisplatina: no campo tático, aí perdemos a batalha do Passo do Rosário, ficando esta, no entanto, indecisa no plano estratégico. E essa guerra se decidiu mais no plano da *estratégia nacional*, envolvendo Inglaterra, Brasil e Províncias Unidas do Rio da Prata principalmente.

Podemos, então, concluir: pelo fato de não ter encontrado referências de peso do lado alemão quanto à atuação da FEB na Itália, não é possível inferir daí que ela não tenha sido notável, conforme bem o demonstra o depoimento insuspeito daquele major. Eis porque lembrei a anedota da "invenção da telegrafia sem fio".⁴

A outra conclusão: tanto no caso do correspondente e do seu comentarista, quanto no de Max

Fleiuß discordando do General Tasso Fragoso no episódio da Batalha do Passo do Rosário, o que fica demonstrado é que *conceitos* são absolutamente necessários na interpretação histórica, em princípio.

É justamente de conceitos que estamos carecendo, agora muito mais do que há meio século atrás. *Esses conceitos devem estar explícitos ou implícitos em tesouros cada vez mais abrangentes, construídos pelos melhores especialistas em cada campo do conhecimento humano.*

Se aceitarmos essa premissa, veremos quão fora de propósito foram quer a atitude de Max Fleiuß, quer a do correspondente do *Jornal do Brasil* e do seu comentarista.

E é esse problema de linguagem ou de metalinguagem o que mais me tem preocupado como estudioso da problemática da Informação ou da História, esta em sentido restrito, pois, afinal, tudo é informação quando se trata de chegar ao conhecimento em qualquer dos setores da Cultura.

O pior, no caso de *As Duas Faces da Glória*, é que seu desinformado autor, pelo menos quanto à atuação da FEB na Itália, dirige seu livro em primeiro lugar à sua geração, que ascende à direção do destino do Brasil. E o faz numa posição dogmática e em terreno em que não devia aventurar-se.

O que não é bom para ele e, muito menos, para as novas gerações, tão carentes de informações sobre o nosso passado.

Francisco Ruas Santos

NOTAS

1. Comunicação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sessão do dia 22 de maio de 1985, da Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas.
2. Apresentada no livro *Marechal Castello Branco — seu pensamento militar*, organizado pelo autor dessa comunicação e editado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em 1968.
3. Em tradução para a nossa língua, de 1966.

4. Para amenizar a aridez desta comunicação reproduzo a anedota: dois cidadãos, filhos de países antagônicos, fazem desfilar, um para o outro, as grandes contribuições de suas pátrias para o progresso da Humanidade. Um deles diz que em se fazendo em seu país arqueologia histórica, haviam sido desenterrados restos que provavam que sua terra era a inventora da telegrafia com fio. Ao que o outro retrucou que, na sua, escavações arqueológicas na mesma época nada haviam revelado, o que demonstrava que seu país era o inventor da telegrafia sem fio...

A MULHER BRASILEIRA NA FEB

A defesa do território pátrio não é missão exclusiva do sexo masculino. É dever moral de todos os brasileiros. E disto muito bem sabem as mulheres brasileiras, que nunca se furta-ram a esse dever patriótico. Os feitos femininos em defesa da Pátria eram via de regra relegados ao esquecimento, minimizados e até criticados pouco tempo depois de terem sido divulgados como atos de pioneirismo ou de bravura militar.

As gerações atuais pouco ou nada sabem sobre o assunto. O pouco de informações que lhes chega às mãos não tem sido interpretado convenientemente, em função de barreiras sociológicas que contribuem para minimizar e até ridicularizar a participação feminina.

O advento da Segunda Guerra Mundial foi acompanhado de uma nova era para a mulher, em que, cada vez mais, ela vem conquistando

do o lugar que realmente lhe cabe na sociedade.

Para esta conquista de "um lugar ao Sol" pela mulher do Brasil de hoje muito se deve, inegavelmente, àquele punhado de jovens brasileiras da FEB e da FAB que, há uarenta e dois anos passados, arrostando preconceitos, incompreensões e até deturpações de suas atitudes patrióticas, se apresentaram ao Exército e à Força Aérea com a finalidade de cumprir seu dever cívico nos campos de batalha na Itália.

Sobre os heróis guerreiros masculinos, muito se tem escrito. Mas não foram os homens sozinhos que escreveram as páginas mais gloriosas de nossa História Militar. A mulher brasileira em tempo algum furtou-se ao dever moral de defender e de colaborar para o engrandecimento de sua querida Pátria, inclusive na guerra. Desde os Brasil Colônia temos exemplos eloqüentes de bravura feminina em defesa do solo pátrio. As mensagens do Paraguaçu, Clara Cama-

ção, das heroínas de Tejucopapo, de Maria Quitéria, de Jerônima de Almeida, de Francisca Sande, de Ana Nery, de Ana Maria José Lins e tantas outras heroínas anônimas, quando eclodiu a II Guerra Mundial acordaram no espírito da mulher brasileira. Às Escolas de Enfermagem acorreram centenas de jovens das melhores famílias brasileiras, inclusive duas princesas brasileiras, Maria Francisca e Maria Tereza de Orleans e Bragança, que sem nenhum preconceito nem orgulho estudaram com afinco as lições visando a aliviar as dores físicas e espirituais de seus irmãos brasileiros no conflito que se avizinhava.

Declarada a guerra, acorreram centenas de jovens e senhoras brasileiras ao Ministério da Guerra para se apresentarem com a finalidade de ajudar seus compatriotas que iriam para o *front* defender a Democracia, a Liberdade Mundial e a Honra Nacional, vilmente atacadas pelos nazistas.

As mulheres que se apresentaram ao Exército não o fizeram para um concurso de beleza, embora algumas fossem muito bonitas, como uma das integrantes do 1.º Grupo de Caça que havia sido Miss Pará. Apresentaram-se, sim, para trabalhar junto ao leito de nossos feridos, para minorar-lhes as dores e levar-lhes uma palavra de consolo e carinho.

Integraram a FEB moças de alta linhagem e de famílias das mais ilustres, como uma neta do General Osório, uma filha do General Portocarrero, uma filha do Almirante Vilar, uma neta do Visconde

de Sinimbu e integrantes das famílias Camerino, Góes e Bebiane e outras. Não direi que era somente uma plêiade de menininhas, pois isto seria um absurdo, ao atentarmos para o fato de que o curso de enfermeiras tem a duração de 4 anos, e que o Brasil de então contava com pouquíssimas enfermeiras chamadas de alto padrão e mais aquelas que tiveram sua formação profissional como Voluntárias Socorristas e Samaritanas, que suprimam o curto aprendizado técnico pela vontade de aprender e servir. Elas atenderam durante a campanha a um total de 10.280 baixados.

Tive ocasião de ter sob o meu comando, no 7.º Station Hospital, na Cidade de Pistóia, que reunia o maior contingente de enfermeiras brasileiras, um efetivo de 24 das 67 que compunham o Corpo de Enfermeiras do Exército. Declaro, sem medo de incorrer em erro, que, em sua maioria, essas heroínas brasileiras ombrearam em eficiência e dedicação com as enfermeiras americanas altamente treinadas. O mesmo afirmo em relação às 6 enfermeiras que integraram o 1.º Grupo de Caça da FAB.

Recordo que a idade mínima para o ingresso no Exército era de 21 anos e 6 meses. Quando apresentei-me, a 18 de abril de 1943, não tinha ainda completado a idade mínima, como também várias colegas. Por outro lado houve colegas, muito poucas por sinal, cuja idade máxima exigida de 35 anos já havia sido ultrapassada. Mas haviam provado, através dos testes rigorosos de educação física a que

todas foram submetidas, que possuíam condições de enfrentar as vicissitudes de uma guerra.

Minimizar o trabalho das enfermeiras militares da FEB e da FAB, pioneiras das mulheres em uniformes, cujo exemplo vem atualmente sendo seguido pelas jovens que ingressaram na Marinha, na Aeronáutica e talvez em breve no Exército, é, sem sombra de dúvida, uma injustiça histórica, fruto de um preconceito absurdo no limiar do segundo milênio.

As enfermeiras que integraram a FEB e o Grupo de Caça da FAB são dignas de respeito e da admiração do povo brasileiro, de igual forma como são respeitadas e queridas por aqueles que delas receberam tratamento e carinho durante a campanha. Melhor testemunho de sua eficiência não pode ser senão o dado por aqueles que estiveram sob seus cuidados em hospitais de campanha: os brasileiros que delas receberam não só um

alívio para suas dores mas também o carinho e o apoio jamais negado de uma palavra amiga e bondosa, na ocasião certa.

A enfermeira militar, que integrou a FEB e a FAB na Itália e que arrostou com todas as incompreensões e preconceitos da época, constata, com tristeza, que ainda existem pessoas desinformadas que procuram minimizar tudo aquilo que elas fizeram com carinho, eficiência, abnegação e patriotismo. Aí estão ainda vivos, no entanto, inúmeros pracinhas que receberam os cuidados carinhosos destas enfermeiras, para comprovar que elas não foram à guerra pensando em concorrer a um concurso de beleza, mas para dar assistência com desvelo a seus irmãos. Isto elas fizeram muito bem! Resta-lhes de cabeça erguida dizer: Dever cumprido!

Elza Cansanção Medeiros



A Major Enf ELZA CANSANÇÃO MEDEIROS foi a primeira voluntária do Brasil, integrante do Destacamento Precursor da FEB e Enfermeira-Chefe do maior contingente de enfermeiras num único hospital militar. Foi Oficial de Ligação entre os Comandos de Saúde dos Estados Unidos e do Brasil no Teatro de Operações da Itália.